

Teatro social e psicológico

O bom feitor, o sastro moderno e educativo, que sem deixar de ser essencialmente uma

Arte, se alia à Filosofia e que faz pensar e reflectir, e que presta culto a respeito, tanto na acção como nos personagens, às leis da Psicologia e da Sociologia, — tem sido também a representação entre nós.

Só a alguns, — três ou quatro — artistas, entusiasmados pela interpretação de certos personagens, devemos a exibição excepcional de Ibsen (3 peças) de Ibsen (2), de Strindberg (3), de Brandes (1), de Ibsen (4), de Maupassant (3), de Sandermeier (4) Tolstói (1).

A grande maioria das notabilíssimas obras de Ibsen e de Bjornson está por esperar nos palcos portugueses. Hauptmann, Jean Balue, não logram ainda uma interpretação portuguesa.

E a esta lista incompleta devemos juntar textos de Bernard Shaw, que é imediatamente desatendido, entre nde.

O teatro de Shaw filia-se ao movimento de renovação do Dramaturgo, que veio escandalizar a rotina e o convencionalismo dos Dumas, Agassier, Sardou e emudecer a tentativa de fazer papais da sociedade do formalismo das empenhadas xofas, estradas de roda e ideologias de um senso crítico e intelectualmente nulo.

Foi pelas anos de 1835 a 1850 que esse movimento dominador do Artismo dramático se espalhou: em Paris o *Académie*, no *Theatre Libre* e *Ligne Poet* no *«Geste»*; em Londres o *Grain* no *«Independent Theatre»*; em Berlim no *«Friedrich»*. (2)

Surge então a tentinha carneguêta, e
João, com revolucionar as poucas con-
dições das velhas costumes locais.

Os barões, os conselheiros, Adelfos, as elites locais, indignados e exaltados, apunham a oposição: «Este não é o Instituto. Este não é um país».

El mal o Tuvien do Ivan cuminga a impôr-se pelo mundo fora, eis que surge um novo autor, que sem estribilhar a atender nada mais os hábitos do público e da crítica, com as suas forças e as suas páginas bulliciosas. É Henrique Schrey, a quem A. Hunen, num livro consagrado exclusivamente ao, chama «Ateliê do século».

A obra de Shaw

A obra dramática de Li Shue aborda as vítimas e as conseqüências da violência, olhando as suas preconceitos e ideologias, não só pela despiques que vai ao convencional do exploração (tanta corrupção), mas também pela estrutura da forma, como são tratados e assumidos o mito, os princípios, os valores.

O que B. Shaw viu combater e destruir é o convencional, o hipocrisia, a sua arma é o ridículo, — o ridiculo levado ao máximo, era empregando ironia, ora caindo na farsa.

O conflito das águas pára não estante nas situações, no tracado a di-
tos das aus personagens, como o
processo das idas, protocolos que
convencionalismo social postuma oc-
sidade como as coisas mais graves

[3] Breve, mas também forte, um texto de 1946 sobre o uso da força em campanhas de mobilização ou de "serviços" que a "Comissão de Defesa" não viu como um texto, considerando-o "uma simples declaração de intenção".

[illegible]

A ação dos rétores no Círculo temático com um propósito: analisar para o ensino.



A. VENEZIANE - Quadro de E. Delad-Poussau

A Verdade, Jarta das trevas que a envolvem, pretende sair do pódo. Porque angustiam o Militar e o Padre? Porque não conhece ao Militarismo e à Religião que ele venha iluminar a Terra com o seu facto?

mais respeitadas e respeitosa do mundo.

Todo o seu câmbio é claramente intelectual e gira principal sendo exclusivamente em volta do ridículo das ideias-bordões, do formalismo hipocrítico e ensimesmado da vida social contemporânea.

E para que a seu metro consiga agradar tem de ser interpretado como dança, enquanto dança — e grande dança burlesca! — é a vida social em que vive-

É devido a este facto, que só após

As condições não obedeceram filtro; privavam, em compensação, verdadeiros escândalos, discórdias. Deram origem à formação de dois partidos: os conservadores e os revolucionários.

Schaw, porém, venceu. Obrigou a crítica a depor as armas e o público a vir-se com as suas peças. . . E durante a guerra de 1846-1905, o «Royal Court Theatre» só levou à cena peças de R. Schaw.

A sua consagração, o seu completo feito foi com a peça «A segunda Ilha» de John Balle, a uma representação da qual assistiu Eduardo VII. E Shaw que mexa incultado, injuriado, apodado de trator, de pilhagem, de palcinela, foi desde então «o autor da moda, o oráculo dos sábios, o idolo das mulheres, o lírio da sociedade, e a moçada de senhores chamados azerido Moisés».

A sua popularidade é tão grande que um escritor se lembrou de publicar o *Calendário de G. B. S.* em que cada dia do ann. é illustrado por um desenho de G. B. S., o Mestre.

As suas peças encontram-se traduzidas em sueco, albanês, alemão, húngaro, polaco, russo, holandês e ainda representadas em Copenhague, Estocolmo, Crisânia, Helsinkios, Amsterdão, Budapeste, Varsóvia, Cracóvia, Viena, Berlim, Munique, Bruxelas, Roma, Buenos Aires, e nas principais cidades da República Norte Ame-

Tem certeza, que nós sabemos, as peças, agrupadas umas, outras isoladas e que A. Hamon traduziu com os nomes de adiante indicados.

Não Ofício (3 actores). O Homem amado pelas mulheres, (que não só representa no «Independent Theatre» por não ter um actor capaz de desempenhar o protagonista); A Profissão da Sr. Warren, (peça que foi proibida pelo censura londrina que se declarou omissa por o autor defender a tese de que a profissão de proxeneta não é menos honrada do que outras consideradas e respeitadas. Tive po-



doze anos (1932-1944) de tenacidade, ele conseguiu que os seus pegos, rham, ahai, acobimbo em Londres...
-doze anos depois de ser aplaudido nos teatros alemães e norte-americanos. Aí, a época teatral de agitação, em New York, e noutras cidades norte-americanas: foi verdadeiramente triunfal. Edmundo Spina.

rema, retumbante êxito em Berlim e Petrógrado).

As quatro peças seguintes formam outro grupo:

O Herói e o Soldado; Cãndida; O Homem do destino: Não se pode nunca dizer.

Segue-se o grupo das três peças para partituras:

O Discurso do Diabo (melodrama em 3 actos); César e Cleopatra (história em 5 actos); e A Conversão do Capitão Brissard (inventura em 3 actos).

Produziu mais as seguintes: O Advogado Ruydall; O Homem e o Super-homem (comédia filosófica em 4 actos); A Segunda Vida de John Bull (4 actos); Como ela mente ao marido (1 acto); Major Barbara (3 actos); O Dilema do Doutor (trópico em 5 actos); Casamento (comédia); Deus e Branco Pólen (melodrama); Córtes de Imprensa; Casamento desigual; A Primeira Peça de Panny; Palácio, Vendas, Paris-Jênio.

Escreveu também várias obras, cujos títulos revelam que si propôs as suas preocupações filosóficas e sociais:

São o título geral «Romanes da modernidade».— O Livro Irrealizável; Um socialista inventável; O Amor nos Artistas; A Profissão de Castel Byron.

Publicou ensaios de crítica filosófica como: Quincentésimo do Rousseau; O Perfil utopiano; e A Sanidade da Arte; e ensaios politico-economicos como: As bases do Socialismo são o aspecto económico; A Transição do Capitalismo para o Socialismo; O Fabianismo e o Império; O Fabianismo e a Questão Fiscal; O Senso comum da a municipalização; O Dia das oito horas; O Manual de alpinista do perfeito revolucionário Máximo para revolucionário nº 101.

O carácter de Shaw

E agora que demos uma rápida e resumida ideia da obra, falamos do autor.

George Bernard Shaw tem actualmente 67 anos. Nasceu em Dublin. É um grande nadador; é vegetariano, anti-alcoólico, anti-alcoólico e não cultiva nenhum divertimento ou desporto em que se mate, fica ou se luga sofrer quaisquer séres.

Foi pobre; hoje está riquíssimo, mas usa quasi sempre o mesmo fato e não se considera peiorista da sua fortuna, mas apenas seu gerente.

Possui desde os 13 anos uma vasta e prodigiosa erudição musical e igualmente se especializou no estudo dos pintores Italianos e Flamengos.

Em 1871 empregou-se numa agência de copíes de Dublin e em 1870, após a morte do pai, veio para Londres e foi admitido como empregado na Companhia Edison dos Telephones.

Esta vida estava em contradicção com a sua natureza indisciplinada e tres anos depois (1873) despece-se da casa e fica sem recursos próprios. Passa a aplicar os seus conhecimentos na frequência de bibliotecas, museus, etc., de todos os lugares onde pudesse instruir-se e educar-se.

Com esta auto-educação tornou-se em breve um fino e subtil discorde e orador popular de conferências e de comícios, notável pelas suas ideias de espirito, metáforas, anedotas e paradoxos.

A convivência com nativistas economicistas tornou-o também especialista em questões económicas.

De 1885 a 1890 appareceu critico musical do jornal «The Star». E, neste período como depois no «World», as suas notáveis criticas são uma apoteose a musica de Wagner.

Nunca foi parliário da arte pela arte. A arte é uma maneira de expressar pensamentos com o fim de se fazer penetrar nas outras consciências. A arte dramática é apenas um meio de propaganda. Porisso o seu teatro está pluriótico de ideias.

As questões sociais são a sua paixão. «Acima de tudo», diz Hamon, Shaw é um iconoclasta, um demolidor, e o socialismo permitte-lhe destruir a actual sociedade capitalista que destrua as vidas humanas, mata energias, aniquila ou perde em parte as forças físicas e intellectuais dos homens. «Proteger, defender os fracos perante os fortes» é para elle uma profunda paixão.

«Não é revolucionário no sentido da transformação social por uma catástrofe, por um movimento súbito e brusco das massas». E explica-se razões do seu anti-socialismo. Considera o «Capital» de Marx como uma farsalhada contra burguesia.

O seu socialismo é individualista. No Congresso Internacional Socialista de 1896 esboçou com mordentes

Uma greve de aguadeiros em Lisboa, em 1820

A história do movimento social e operário em Portugal está ainda por fazer.

Limitadíssimas têm sido as investigações sobre a situação do operário português nas diversas épocas historicas, sobre os seus ganhos e suas condições de trabalho, sobre a origem, evolução e desenvolvimento das suas corporações profissionais e de resistência, seus protestos, suas revoltas e suas rebeldias.

E, no entanto, quantas coisas interessantes jazem nesses arquivos officiaes! Quantos documentos aguardam que algum curioso e paciente furepe de velhos pergaminhos os desentrem do pó dos armários e os tragam à luz do dia!

E como seria interessante a publicação desses velhos documentos em que se consignam as lutas das gerações operárias que antecederam a actual para se libertarem da baixa condição em que se encontravam então!

Aos nossos leitores apresentamos hoje, como exemplo, um documento que conta 103 anos feitos, e em que se

e acompanhada de um Soldado do Regimento n.º 8 para encerrar aquele chafariz, achou occupada a bica competente. O Soldado condutor não quis esperar e fez encerrar na Bica dos Aguadeiros, espantou alguns Soldados, e fez rodar as barras pela rua. Acudiu a isso um capitão de n.º 13 que restabeleceu a ordem, advertindo o Soldado, o qual obedeceu logo. Os Aguadeiros continuaram, porém, a discordar, e foram designados como catões d'isto alvoroço um cinco.

Sendo-me participado esta acontecimento pelo Inspector Geral do Indústrias, e Ministro do Interior, mandei tomar conhecimento judicial do facto, e protestar contra os culpados, formalizando o competente processo para ser sentenciado em conformidade das leis.

Foram logo presos os cinco designados como principais autores desta desobediência e indegna e Sumário com as perguntas aos presos, e a pronuncia de todos os culpados que chegaram ao numero de 35, em que se comprehendem os cinco já presos.

Prova-se do Sumário o espirito de insubordinação desta gente grossieira e



O CHAFARIZ DO LORETO, CUA TRUPPO QUE O ENCERRARA POR O SEITOR ARDA VER HOJE NO DEPOSITO DA COMPANHIA DAS AGUAS, DOS PARADESITOS

dá conta de mais um gesto de rebeldia contra uma injustiça e contra uma violação da autoridade.

Leiam-no:

P. A. em 22 de Novembro de 1820; remetendo-se o Processo.

Ramos e Enos Sez.

No dia 15 do mês próximo passado houve um movimento de insubordinação da parte dos Aguadeiros no Chafariz do Loreto. Gritando viva a liberdade, e não há quem nos governe, riscaram as Armas da Cidade e as letras iniciais dos tanques dos Barris, passaram a amarrar os de outros Chafarizes e dando-lhes com louros nos barriles dirigiram-se a Casa do Inspector respectivo e pretenderam tirar a Caixa das partições dos Copayetes. A origem desta desobediência foi que o Carreiro do Convento dos Paulistas, vindo com duas Pias rude que não querendo conformar-se com a disciplina e boa ordem estabelecida naquela Inspectoria, aproveitou o momento e pretorio da insubordinação que ti-

vela o soldado de n.º 8 da ordem estabelecida no Chafariz pela Autoridade competente, para se subtrahirem ao jugo da subordinação e tomarém vingança da Autoridade que lhes peja.

Todavia porém esta convulsão, que se estendeu a mais de seiscentos que appareceram as maras, foi momentanea, e com a prisão dos primeiros. Uma grande parte dos outros, arrependidos e receosos do castigo, correram a fazer marcar de novo os seus Barris e a voltar ao orden.

O Sumário e Informação do Juiz das comprehensíveis coheções os cinco presos e os trinta que ainda a não foram se consideram também autores da desobediência.

Dos promittidos uns são Galegos e a minor parte Nacionais por que estes não se agitam bem com tal serviço.

Considerando a multiplicidade das Rouas, as diligencias de transporte e processo ordinário, a impiedade de alguns que não se escusam-se, a desigualdade de castigo, o inconveniente da demora (insubordinação) na sua applicação, tendo de ve-

aportes os discursos dos social-democratas e oboloco-se ao lado dos sindicalistas franceses.

Em 1912 tomou parte e fez um discurso de condente ironia num grande comício de Londres a favor dos sindicalistas Guy Bowmann, Buck e Tom Mann condemnados por terem incitado os soldados a não atirarem sobre os seus irmãos grevistas.

A scena é para elle uma catedral da qual ensina e educa o povo. Tem o temperamento dum educador. «Shaw gosta de ensinar. Quere pelas suas criticas, pelos seus romances, pelas suas peças educar o povo». Porisso elle é o pregador da Verdade contra a Mentira. Elle proclama, grita a Verdade, ainda que se offendem o Presencista, as Conveniências convencionais da nossa sociedade.

E assim que elle responde a uma carta de convite para um almogá: «... Eu não quero almogá contigo, eu não quero jantar contigo, eu não quero visita-la, eu não quero tomar a menor parte na vossa rotina social...» etc.

Ao convite que W. Stead, director da «Review of reviews» lhe fez para to-

mar parte numa peregrinação internacional a Haia a favor da paz, responde neste termos:

«Meo caro Stead: nunca me fizeram uma proposta tão disparatada. Nós tomamos um pequeno numero de pessoas de importancia internacional cujo tempo é precioso e que estão sobrecarregadas de trabalho. Pelo contrario, pode dispor dum punhado de pessoas que são sem uma importancia local, como, por exemplo, as reli e outros chefes do Estado, cujo tempo é menos precioso e que têm uma proclamação de participar nas manifestações locais e internacionais. São estas as pessoas que convem de preferéncia a uma peregrinação deste genero. Para a hipotesis, portanto, de persistir no vosso projecto, estou a sua disposição para receber em minha casa qualquer moçada que me trouxer e a fornecer-lhe todos os informes de que tiver necessidade.

E assim é e foi George Bernard Shaw: uma personalidade passante, instigável no mancebo da ironia, que, por vezes, chega à larga burlesca.

Abelino Liva.